

Os bandidos armados e seus defensores

8/10/86

por Willy Waddington

II A por esse mundo além grande número de pessoas, enleudadas a sistemas socio-políticos despidos de quaisquer noções de ética, sempre prontas a agredir, em seus pasquins (jornais desacreditados), os governos defensores da pessoa humana, seu aprumo, sua dignidade, seus valores morais.

Estamos a referir-nos a determinados indivíduos, para quem a acção dos bandidos armados, quando agindo no Afeganistão, em Angola, no Botswana, em Moçambique, na Nicarágua, na Zâmbia, no Zimbabwe, merecem estatuto de combatentes, de opositores políticos, independentemente dos nefandos crimes praticados por essa gentilha.

É assim, quando esses assassinos, bandidos armados, criminosos ou componentes de hordas, embora ostentando designações mais ou menos conotadas com objectivos políticos, quiçá até nacionalistas, invadem, a partir de países vizinhos — no caso de Moçambique — a partir da África do Sul e do Malawi, para decepar mãos, orelhas, seios, sexos, para destruir machambas, culturas e apetrechos, para incendiar celeiros e palhotas, para matar crianças, homens e mulheres, para violar mulheres e raparigas na presença de maridos e pais, com o objectivo de aterrorizar, é indigno apelidá-los de opositores, de rivais, pois são, de facto, assassinos, bandidos armados, terroristas do mais baixo nível.

E são também mercenários, dos mais vis e desprezíveis, pois estão a soldo dos seus próprios inimigos, de quantos tem

vindo a explorá-los, há mais de um século, nas pessoas de seus bisavós, avós, pais, tios, irmãos e primos, no duro labor das minas dos capitalistas e das machambas dos boeres.

E são esses seres desprezíveis, comandados e pagos por boeres, a quem se devem, para além dos crimes acima referidos, todos os actos de destruição de infra-estruturas económicas e estratégicas de Moçambique tais como aviários, camiões e machimbombos com carga e até com passageiros, escolas, hospitais e postos de saúde destruídos, estradas minadas, fábricas e instalações industriais dinamitadas, linhas férreas e de transporte de energia eléctrica, pontes ferro e rodoviárias, portos e oleodutos sabotados, machambas e respectivas alfaías danificadas, complexos industriais e plantações de açúcar, de algodão, de arroz, de milho, de oleaginosas, de sisal e trigo arrasados.

Acrescente-se ainda o roubo e transferência para além das fronteiras de Moçambique de manadas de gado bovino e caprino, alfaías e outros apetrechos agrícolas, assim como camiões e tractores.

E, para colmatar toda esta acção desestabilizadora, há ainda a transferência de populações fronteiriças, incitadas a refugiar-se nas terras do inimigo, a pretexto de hipotética segurança, para mais fácil exploração do seu trabalho, a troco de salários miseráveis.